

Informação, conhecimento e valor

Pablo Ortellado¹

LOPES, Ruy Sardinha. Informação, conhecimento e valor. São Paulo: Radical Livros, 2008.

O livro de Ruy Sardinha, fruto de uma tese de doutoramento defendida na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo² busca analisar, à luz de alguns pressupostos teóricos da Economia Política dos Meios de Comunicação, as mudanças que advêm da crescente centralidade da informação na lógica de reprodução do capital: a incorporação das tecnologias da informação como forças produtivas, as novas formas de organização e gerenciamento de um trabalho predominantemente intelectual (com as respectivas formas de subsunção do trabalho ao capital), os novos padrões de articulação entre produção e consumo e as novas formas de resistência que desencadeia.

Vê-se, pela lista dos efeitos, que Sardinha acredita que as mudanças trazidas por essa nova etapa não são desprezíveis. No entanto, considera também que essas mudanças não devem ser explicadas por meio de teorias que vislumbrem o advento de uma nova sociedade – pós industrial ou em rede – mas como formas novas das leis e tendências fundamentais da acumulação capitalista. Estamos, portanto, diante de uma tentativa de explicar as diversas mudanças trazidas pela tecnologia da informação, pela expansão do trabalho intelectual e pelas novas formas de gestão da força de trabalho por meio dos princípios fundamentais do pensamento marxista.

A nova etapa seria fruto de um duplo movimento: por um lado, movido por contradições internas, o capital foi forçado a flexibilizar a regulação fordista; por outro, o capital super-acumulado no período anterior se deslocou para o setor financeiro gerando investimentos em infra-estrutura e tecnologia da informação (o que reverteu, por sua vez, sobre a gestão flexibilizada do trabalho), além de uma subordinação do setor produtivo a este setor financeiro proeminente. Essa reorganização produtiva teria gerado uma mudança na

¹ Professor do curso de Gestão de Políticas Públicas da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo e co-coordenador do Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas para o Acesso à Informação (Gpopai).

² *Informação, conhecimento e valor*. Tese de doutoramento em Filosofia defendida em 2006 sob a orientação de Otília Arantes.

natureza do trabalho no qual as capacidades cognitivas, criativas e comunicacionais ganhariam centralidade.

Essa nova forma de realização da acumulação e subsunção do trabalho poderiam ser explicadas na sua novidade histórica pela famosa passagem dos *Grundrisse* de Marx sobre a "pós-grande indústria" – passagem na qual, extrapolando os limites lógicos do desenvolvimento do capitalismo industrial, teria antevisto o papel crescente da mobilização da ciência para a produção e suas implicações sobre a geração do valor que se descolaria do tempo de trabalho como medida da riqueza. Mobilizando a bibliografia brasileira que comenta essa famosa passagem (em particular os trabalhos de Ruy Fausto³ e Eleutério Prado⁴), Sardinha tenta mostrar como, a despeito do fracasso da previsão de que essa circunstância corresponderia à derrocada do sistema capitalista, os conceitos marxianos ainda são relevantes para descrever uma realidade na qual o valor-trabalho parece não encontrar mais apoio na experiência. Em particular, o conceito de que o progresso técnico agora se apóia numa espécie de fundo intelectual comum e social que Marx chama de "intelecto geral" pode ajudar a explicar a atual dinâmica de inovação capitalista e os conflitos entre a produção social da ciência e a apropriação empresarial privada por meio de instrumentos de propriedade intelectual (como as patentes). Essa tensão se manifestaria nos conflitos que têm sido chamados de "novos cercamentos" que expressam por um lado o potencial emancipatório da natureza comum do conhecimento e da ciência e, de outro, a apropriação privada desse "commons" por meio de estratégias empresariais de criação de monopólios de propriedade intelectual e de exploração das competências de acesso a esse fundo comum pelo emprego de trabalhadores.

O que se destaca na interpretação desta passagem de Marx para a compreensão dos novos processos capitalistas é que, como destaca César Bolaño no prefácio, a tradição brasileira não fica a dever à tão destacada tradição ítalo-francesa (de Negri, Lazzarato⁵ e Moulner-Boutang⁶). Na verdade, como fica patente nos comentários que Sardinha faz à obra de Negri, essa tradição brasileira se diferenciaria daquela por inserir elementos de contradição entre capital e trabalho na análise desses novos processos.

³ Fausto, R. *Marx: lógica e política*, t. 3. São Paulo: Ed. 34, 2002.

⁴ Prado, E. Pós-grande indústria: trabalho imaterial e fetichismo. *Crítica marxista*, n. 17, 2003, p. 109-130.

⁵ Lazzarato, M.; Negri, Antonio. *Trabalho imaterial: formas de vida e produção de subjetividade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

⁶ Moulner-Boutang, Y. *Le capitalisme cognitif: la nouvelle grande transformation*. Paris: Éditions Amsterdam, 2007.

Como explica Sardinha, Negri, ao operar uma inversão do conceito de biopolítica de Foucault, passa a vê-lo "não mais como potência *sobre* a vida, mas como potência *da* vida" (p. 179). Essa inversão, parece-me, deve-se antes à incorporação de certos pressupostos "vitalistas" que têm origem na obra de Deleuze e que, depois, encontrarão apoio na passagem supra-citada de Marx. Como Marx antevia que o estágio "pós-industrial" coincidiria com um estágio pós-capitalista, sua descrição é destituída de elementos de contradição. Incorporando essa ausência de contradição, os novos conflitos passam a ser vistos pela tradição ítalo-francesa como resistências *à la* Deleuze. Não se tratariam mais de contradições internas cujo desenvolvimento levaria a uma ruptura emancipatória, mas de uma transição conflituosa, mas não contraditória, da passagem sem negatividade rumo a um "comunismo da imanência". Por isso, para essa tradição, os elementos emancipatórios do pós-fordismo precisam ser positivamente afirmados.

Assim, se essa tradição brasileira (não apenas expressa na obra de Ruy Fausto e Eleutério Prado, mas também na daquela chamada de Economia Política do Conhecimento) quer identificar e recolocar as contradições na explicação do desenvolvimento do capitalismo, ela precisa ampliar o entendimento de uma série de questões cuja resposta permanece pendente para as diversas correntes do pensamento crítico. É tarefa investigativa comum determinar o verdadeiro alcance dessa nova configuração do capitalismo, a natureza dos novos conflitos no trabalho e das novas formas de geração do valor. Lembrando a distinção marxista entre método de exposição e método de pesquisa⁷, é preciso uma nova ênfase na investigação do concreto para desembaralhar as categorias abstratas – do contrário, a disputa intelectual no âmbito da tradição crítica se resolveria de uma maneira "não crítica" (ou melhor, "pré-crítica"). Essa abordagem a partir da experiência está, aliás, presente em trabalhos das duas correntes⁸.

O interessante levantamento e discussão que Sardinha faz da literatura atual (tanto a da tradição brasileira, como da ítalo-francesa, como da obra de Castells – que, aliás, também é criticado por eludir os antagonismos), sugerem algumas questões que conviriam ser investigadas a partir da experiência:

⁷ "É, sem dúvida, necessário distinguir o método de exposição, formalmente, do método de pesquisa. A pesquisa tem de captar detalhadamente a matéria, analisar as suas várias formas de evolução e rastrear sua conexão íntima. Só depois de concluído este trabalho é que se pode expor adequadamente o movimento real." (Marx, K. *O Capital*. São Paulo: Nova Cultural, 1988, p. 26)

⁸ É o caso, por exemplo, do trabalho de T. Negri et al., *Le Bassin de travail immatériel (BTI) dans la métropole parisienne* (Paris: Harmattan, 1996) ou o de Nicholas Garnham, *The Economics of Television* (Londres: Sage, 1988).

- Devemos unificar sob a idéia de uma crescente centralidade da informação nos processos produtivos esses dois processos talvez diferentes: o aceleração do desenvolvimento tecnológico com um papel crescente no processo de valorização do capital; e a crescente mercantilização dos bens culturais, fruto da expansão da lógica do capital para a esfera cultural (as mudanças nas formas de trabalho e na organização e gestão deste trabalho sendo consequência da expansão dessas atividades produtoras de tecnologia e cultura)?
- Qual o verdadeira dimensão das novas formas ("imateriais"/ "cognitivas"/ "simbólicas") de trabalho e seu impacto na configuração do capitalismo contemporâneo? Uma obra recém-lançada no Brasil de Richard Barbrook⁹ colocou em perspectiva histórica a promessa de uma sociedade "pós-industrial"/ "da informação"/ "em rede". Há mais de cinquenta anos anuncia-se que uma nova era informacional vai chegar e que uma parcela da sociedade já vive hoje essa tendência de futuro. Como avaliar se esse crescente papel da informação é de fato o motor dinâmico da economia capitalista (como, na época de Marx, ainda era discutida a centralidade do capitalismo industrial) ou apenas mais um componente? Como ver a distribuição dessas novas modalidades de produção e de trabalho da perspectiva do sistema mundial? Quais os seus vínculos com o capital financeiro e com as formas persistentes do capitalismo industrial?

O livro de Sardinha levanta essas e outras difíceis questões cujas respostas não estão dadas e que só podem ser respondidas à luz da teoria, mas a partir da experiência que precisa ser investigada por toda uma geração de pesquisadores.

⁹ *Futuros imaginários: das máquinas pensantes à aldeia global*. São Paulo: Peirópolis, 2009.